

A literatura na I República

Margarida Mouta

Antecedentes

Monarquia Constitucional – No atro do amanhecer da República – de 1870 a 1910

Nos primeiros anos do terceiro quartel do século XIX, passada a crise da implantação do liberalismo em Portugal, e depois da morte de Almeida Garrett, Alexandre Herculano é o paladino da tentativa de uma história crítica de Portugal. Com o seu retiro em Vale de Lobos, desapareceu a sua rebeldia. Uma nova rebeldia intelectual só reapareceria com a geração intelectual que se formaria em Coimbra, por volta de 1865.

Portugal, nesta época, já não estava separado do resto da Europa. O caminho-de-ferro encurtara a distância entre Coimbra e Paris, e as influências das novas ideias europeias não se fizeram esperar, quer no pensamento quer na cultura do País.

Então, a geração coimbrã de 70 estuda com avidez o idealismo de Hegel, o socialismo de Proudhon, o positivismo de Comte e o evolucionismo de Darwin e Lamark.

Os jovens estudantes de Coimbra estão determinados a combater a estética literária romântica, sustentáculo da apatia, da modorra, e fazem-se eco de uma poesia e prosa de conteúdos diferentes e revolucionários. Entre outros, urge salientar Antero de Quental e Eça de Queirós.

Estes jovens incomodam a escola ultra-romântica de Lisboa, cujo líder, o velho Castilho, venerado por poetas pouco originais mas seus apadrinhados, sente a sua fácil paz perturbada e, não querendo abandonar a estética literária que seguia, opõe-se, com intolerância, à nova estética literária, entrando em luta com os jovens intelectuais de Coimbra.

Esta luta, que ficou conhecida por «Questão Coimbrã» ou do «Bom Senso e Bom Gosto», foi a primeira manifestação importante da chamada «Geração de 70».

A «Questão Coimbrã», aparentemente literária, refletia e denunciava problemas mais profundos. Os jovens intelectuais de 1865 reagiram à falsidade da adaptação das formas novas do liberalismo às estruturas velhas do absolutismo, e a revolta da juventude coimbrã desencadeou um movimento político, filosófico e literário não previsto.

Com os cursos acabados ou não, estes jovens deslocam-se para a capital, crescem-se de personalidades com tendências afins e, em 1871, promovem as Conferências Democráticas do Casino, cujo programa tem como objetivo «colocar Portugal a par da atualidade europeia, ligando-o com o movimento moderno, estudando as condições de transformação política, económica e religiosa da sociedade portuguesa» (Barreiros, 1985).

O Ultimato e a crise financeira e económica de 1890-1901 contextualizam uma transformação na vida pú-

blica portuguesa, cujos prenúncios e efeitos se refletem facilmente na atividade literária.

Lisboa, no princípio de 1908, era uma cidade agitada, onde os boatos se multiplicavam e as incertezas cresciam. O povo passava fome, andava no ar uma grande tensão. Vários são os escritores que se manifestam contra a Monarquia. Entre outros, há a salientar Guerra Junqueiro, Gomes Leal, panfletário, Aquilino Ribeiro, que teve de se evadir, e Cesário Verde, que, além de expressar o seu «Sentimento de um Ocidental», pinta em verso, por palavras e sinais, o fim da Monarquia: «Que hão-de acabar os bárbaros reais; /E os povos humilhados, pela noite,/Para a vingança aguçam os punhais.»

«A 28 de Janeiro de 1908, fалhou uma tentativa de derrube do regime, mas apesar de ter sido promulgado um decreto que previa a deportação imediata para terras ultramarinas de quem fosse conspirador do regime, no primeiro sábado, e primeiro dia do mês de Fevereiro, gritava-se em Lisboa “Mataram a Família Real” “Mataram o rei e o príncipe real”» (Letria, 2010).

Dois anos depois proclama-se a República.

A literatura na I República, 1910-1926

No fim do século XIX e nas primeiras décadas do século XX surgiu um intenso movimento literário nacionalista. A submissão a modelos franceses, a partilha de África, os desgostos do Ultimato, as esperanças da burguesia comercial nas riquezas ultramarinas agitaram o peito de muita gente que não queria esquecer o que Portugal fora no passado. Mas, simultaneamente, e numa outra linha, a década de 1910 já vinha a ser registada por grandes da literatura como Ramalho Ortigão, Jaime Cortesão, Guerra Junqueiro, Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa. Mário de Sá-Carneiro, juntamente com Jaime Cortesão, lança em 1910 a revista *Águia*.

Não é por acaso que Pessoa e Sá-Carneiro colaboraram na *Águia*, órgão do saudosismo. Neste órgão vão apresentar opiniões, absolutamente opostas às ideias de então, já que estavam desejosos de «imprimir ao ambiente intelectual português o tom europeu, audaz e requintado, que faltava à poesia saudosista» alimentada por João de Deus, Teixeira de Pascoais e outros. Na *Águia* foram publicados, pela primeira vez, os ensaios de Pessoa.

Num processo similar, uns anos atrás, Ana de Castro Osório, pioneira na luta pela igualdade de direitos, escreveu, em 1905, *Mulheres Portuguesas* o primeiro manifesto feminista português.

O seu ativismo levou à criação da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas. Colaborou com Afonso Costa na criação da Lei do Divórcio. Defendeu até à exaustão que as mulheres não deviam ser meras peças decorativas e que a educação era o «passo definitivo para a libertação feminina». Esta mulher notável é considerada a fundadora da literatura infantil em Portugal. Escreveu romances, novelas e peças de teatro.

Nos anos 10, que começam com a comemoração do centenário de Alexandre Herculano, foram organizadas «festas cívicas» com o apoio dos republicanos.

Ramalho Ortigão, combatente do integralismo lusitano, evocando os tempos de íntima colaboração com Eça de Queirós, publica as *Últimas Farpas* em 1916.

Nesta época, vários são os escritores que vão alimentando os gostos da sociedade portuguesa; Guerra Junqueiro, Latino Coelho, Teixeira de Pascoais, são alguns daqueles que hesitam entre um saudosismo passadista, um limbo, ou um (in)visionado sonho de mudança.

Em 1913, em Lisboa, constituiu-se o núcleo do grupo modernista. O modernismo é um movimento estético, onde a literatura aparece associada às artes plásticas e é, por elas, simultaneamente, influenciada. Este movimento foi empreendido e desenvolvido, desde os finais do século XIX, por Fernando Pessoa, Almada Negreiros e Mário de Sá-Carneiro.

Nesta década, os cafés são ponto de encontro para tertúlias culturais e artísticas. O «Martinho da Arcada» viu reunir, nas suas mesas, quase toda a geração da revista *Orpheu*; Almada Negreiros, Santa Rita Pintor e Pessoa faziam deste espaço a sua assoalhada preferida.

Em 1914, os jovens modernistas entusiasmam-se pelas novas ideias, oriundas de Paris; as ideias novas de Sá-Carneiro e Santa Rita Pintor – o futurista – associam-se ao projeto de Luís da Silva Ramos (Luís de Montalvor) e, em 1915, lançam uma revista luso-brasileira, *Orpheu*. Dela saíram apenas dois números, em 1915, que incluíam como colaboradores: Montalvor, Pessoa, Almada, Cortes Rodrigues, Alfredo Guisado, os brasileiros Ronald Carvalho e Eduardo Guimarães, e até o heterónimo pessoano Álvaro de Campos. Os dois números da revista alcançaram o fim proposto: escandalizar o burguês, irritar... Foram troçados e trucidados pela imprensa e a empresa acabou por ruir economicamente.

Em Lisboa, Almada Negreiros, Santa Rita Pintor e Pessoa reuniam-se com frequência, nas mesas e esplanadas de «A Brasileira do Chiado» e no «Café Central».

No Porto, «A Brasileira» e o café «Âncora de Ouro» também eram locais de tertúlias que prospetivavam Portugal e o seu sonho (in)visível de ator construtor do dever e do devir.

Com a publicação da *Confissão de Lúcio*, 1913, *Dispersão*, 1914, e *Céu em Fogo*, 1915, Mário de Sá-Carneiro revela-se como o expoente máximo do modernismo. Com *K4 Quadrado Azul*, *A Invenção do Dia Claro* e *Ultimatum Futurista*, Almada Negreiros reiterou o choque provocado, em 1915, pela revista *Orpheu*.

Os meios intelectuais do País ficaram agitados. Portugal não estava preparado para a complexa e admirável vida anunciada pelo futurismo. Contudo, o saudosismo, expresso pela «Renascença Portuguesa», repugnava aos literatos portugueses e Jaime Cortesão, Raul Proença, Augusto Casimiro e António Sérgio acabariam por entrar em desacordo com o passadismo utópico de Teixeira de Pascoais criando

a *Seara Nova*, revista de doutrina e crítica, com fins não só literários e pedagógicos mas também políticos e sociais. Coadjuvantes da sua fundação são Raul Brandão, Aquilino Ribeiro e Câmara Reis.

No primeiro número da revista *Seara Nova* (15 de outubro de 1921), é referido que os seus colaboradores são «poetas militantes, críticos militantes, economistas e pedagogos militantes».

Estava encetado o caminho, onde a arte literária, a realidade social e económica entrariam em triangulação, seriam linhas cartesianas e vetores, paradigmaticamente, convergentes e divergentes, triangulação em cujo vórtice redemoinhava o neo-realismo.

Colaboraram na *Seara Nova* conhecidos vultos da literatura portuguesa: Teixeira Gomes, Hernâni Cidade, Joaquim de Carvalho, João de Barros, Afonso Duarte, Irene Lisboa, José Rodrigues Miguéis, José Gomes Ferreira, Casais Monteiro, Jorge de Sena, etc.